

SEÇÃO II

Economia Agrícola

Sumário¹

O expressivo crescimento da safra de grãos observado neste ano deve resultar numa contribuição significativa do setor agrícola para a expansão da atividade econômica brasileira – o crescimento do produto interno bruto (PIB) do setor agropecuário deve fechar o ano em 10,8%. Para o ano que vem, no entanto, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) preveem que a safra deve ser menor que a de 2017. Com isso, a previsão da Carta de Conjuntura n° 37 é que o PIB do setor deve cair 1,7% em 2018. Esta seção – feita em conjunto com a Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SPA/Mapa) e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (Esalq-USP) – traz ainda uma análise completa de preços, produção, emprego, comércio exterior, seguro e crédito do setor agropecuário.

O terceiro trimestre de 2017 apresentou reduções significativas de preços, tanto na agricultura quanto na pecuária. No que tange ao segmento agrícola, principalmente pela maior disponibilidade de oferta, os preços nos mercados de soja e de milho apresentaram forte retração, de 16% e 35% respectivamente, em comparação aos primeiros nove meses de 2016. No que se refere ao segmento pecuário, o arrefecimento da demanda interna e a queda dos investimentos foram os principais responsáveis pela queda dos preços, principalmente da carne bovina. Esse desempenho favoreceu os preços da carne suína, que, comparados aos primeiros nove meses de 2016, apresentaram alta de 13%.

O PIB-volume do agronegócio – insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica, agroindústria e agrosserviços – apresentou um crescimento de 5,8% de janeiro a julho deste ano em relação ao mesmo período de 2016, impulsionado principalmente pelo segmento primário, que obteve um crescimento estimado da ordem de 17,1%. Vale ressaltar que os demais segmentos, tais como insumos e agrosserviços, também cresceram. Apenas o segmento da agroindústria obteve um leve decréscimo, mas bastante reduzido frente aos resultados anteriores. Esse é um sinal claro de que o setor vem se recuperando e, ao mesmo tempo, contribuindo para o crescimento da economia brasileira. Apesar de o crescimento do PIB ter sido fortemente influenciado pelo setor primário, os setores de insu-

Editores:

Jose Eustáquio Ribeiro Vieira Filho
Técnico de Planejamento e Pesquisa da
Diretoria de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais (Dirur)/Ipea

jose.vieira@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior
Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

¹ Elaborado por José Eustáquio Vieira Filho.

mos e da agroindústria apresentaram os maiores aumentos no número de pessoas empregadas, com variação positiva de 9,2% e 4,6%, respectivamente. Entretanto, o aumento do número de pessoas ocupadas acompanha a piora na qualidade dos empregos, em que se destaca um aumento de 5,7% de pessoas trabalhando sem carteira assinada, mesmo com aumento e melhora do nível de instrução, como também observado.

O valor bruto da produção (VBP) agropecuária apresentou um aumento de 2,1%, com base nas informações de setembro de 2017. Na agricultura, as lavouras apresentaram um acréscimo de 6,3%, destacando-se o algodão, a cana de açúcar, a mandioca, o milho e a uva. Na pecuária, o VBP apresentou uma redução de 5,9%, principalmente pela queda de preço da carne bovina, frango e ovos, que induziram a depreciação dos resultados anuais do setor.

Por sua vez, no setor de máquinas agrícolas, verificou-se um aumento de 21% da produção e de 9% das vendas no período de janeiro a setembro deste ano, quando comparado ao mesmo período de 2016. Quando categorizados por tipo de veículo, a produção de colheitadeiras de grãos e de tratores esteiras apresentaram variação positiva em relação a 2016, de 33% e 43%, respectivamente. Para as vendas, destacam-se o aumento de tratores de rodas (11%) e de colheitadeira de grãos (3%) – os demais segmentos apresentaram queda. Esse crescimento sinaliza um planejamento das atividades para o médio e o longo prazos, indicando que os agentes se encontram otimistas quanto ao comportamento futuro do setor e da economia brasileira, a despeito de um ano eleitoral de 2018 com incerteza no cenário político.

Em relação ao comércio internacional, a exportação dos principais produtos agropecuários cresceu em torno de 13,5% no acumulado no ano, até setembro de 2017. Esse resultado foi fortemente influenciado pela soja, que correspondeu a 71% das exportações totais. No que se refere às importações, quando comparadas ao ano de 2016, os resultados apresentaram redução de 4%, influenciados diretamente pelo mercado de alho e de milho.

Quanto ao Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), dos R\$ 400 milhões do orçamento previsto, R\$ 90 milhões foram liberados para o primeiro semestre e direcionados em sua maior parte para milho 2a safra e grãos de inverno, respeitando o histórico de utilização da subvenção do exercício anterior.

Entre janeiro e setembro, o PSR subvencionou mais de 30 mil apólices, beneficiando mais de 26 mil produtores, e segurou cerca de 2 milhões de hectares. Isso representou R\$ 4,68 bilhões em capitais segurados e R\$ 413,43 milhões em prêmio, sendo os principais grupos de culturas subvencionados os grãos e as frutas, correspondendo a 76,9 % e 17, 2%, respectivamente.

Por fim, em relação ao crédito rural, dos R\$ 188,40 bilhões de recursos programados para o período de 2017/2018, 28% foram aplicados, percentual superior ao

do período de 2016/2017, que teve 24% de aplicação. Do valor total apresentado, R\$ 150,25 bilhões foram direcionados para operações de custeio, comercialização e industrialização, e cerca de R\$ 38 bilhões para operações de investimento. Os desembolsos correspondentes a custeio, comercialização e industrialização no período de 2017/2018 foram de 29% e, para investimento, 26%, superiores ao período de 2016/2017, que apresentou desembolso de 25% e 22%, respectivamente.

1 Mercados e Preços Agropecuários ²

No terceiro trimestre de 2017, assim como verificado ao longo do ano, de modo geral, o movimento que marcou os principais mercados agropecuários foi o de redução de preços. Nas lavouras, um importante fundamento para os preços baixos ainda se relaciona essencialmente à maior disponibilidade, diante das boas safras no país. Por seu turno, nos mercados pecuários, os preços têm sido pressionados pela fraca demanda interna, enquanto, por outro lado, o bom desempenho exportador tem atuado de forma a dar alguma sustentação às cotações. Mesmo para produtos como a soja e o trigo, para os quais houve certa reação das cotações neste terceiro trimestre, o patamar de preços médios do ano continua em forte retração frente aos primeiros nove meses de 2016. No front externo, a valorização do real frente ao dólar também tem pressionado as cotações, comprometendo o faturamento em reais com as vendas externas do agronegócio. De acordo com dados do Cepea, enquanto os preços em dólares dos produtos exportados pelo agronegócio se valorizaram 8,3% na comparação entre janeiro a setembro de 2016 e de 2017, os preços em reais recuaram 4% na mesma comparação, resultado dos movimentos do câmbio.

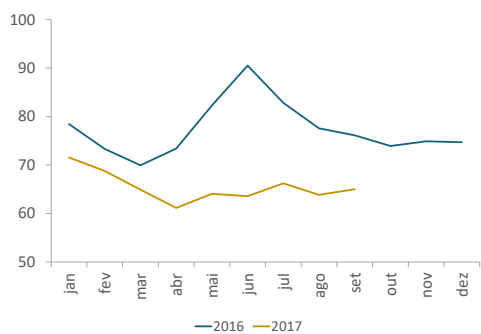
Os preços da soja no mercado interno registraram leve alta no terceiro trimestre de 2017, em relação ao trimestre imediatamente anterior. Sojicultores brasileiros estiveram retraídos das comercializações, à espera de melhores oportunidades para vender o grão. A expectativa de preços melhores, por sua vez, é fundamentada no clima seco, que pode atrasar o semeio da soja no Brasil, e nas incertezas quanto à produtividade da temporada norte-americana. A média do Indicador Cepea/Esalq-Paraná no terceiro trimestre do ano foi de R\$ 65,03/saca de 60 kg, valor 3,3% superior ao do trimestre anterior. Já na comparação entre janeiro a setembro de 2017 e o mesmo período de 2016, a média de preços se mantém em expressiva retração, de 16% em termos nominais (gráfico 1).

Pressionada pelo avanço da colheita da segunda safra, a média de preços do milho na região de Campinas (referência para o Indicador Esalq/BMF&Bovespa) foi de R\$ 26,33/saca de 60 kg em julho, o menor valor nominal desde julho de 2015. Insatisfeitos com esses valores, produtores postergaram a negociação do cereal, à espera de preços maiores. Compradores, por sua vez, tiveram que ceder nas negociações para atrair novas efetivações e, com isso, o indicador subiu 1% em agosto e

² Esta seção foi produzida por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, André Sanches (Grãos), Fernanda Geraldini (Hortifrutícolas), Natália Salaro Grigol (Leite), Caio Augusto de S. M. Monteiro (Boi), Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin e Marcos Debatin Iguma (Suínos, aves e ovos) – todos do Cepea/Esalq/USP.

9% em setembro. Considerando-se a média trimestral, houve ligeira baixa de 0,9% em relação ao segundo trimestre do ano, e, na comparação entre janeiro a setembro de 2016 e de 2017, o recuo mantém-se expressivo (de 35%) (gráfico 2).

GRÁFICO 1
Indicador da Soja Cepea/Esalq – Paraná
(Em R\$/saca de 60 kg)

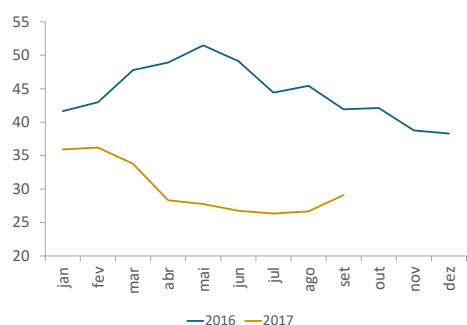


Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas para a soja

Após o início dos trabalhos de semeadura da soja no Brasil, em meados de setembro, as atenções para o próximo trimestre se voltam ao desenvolvimento das lavouras. No mercado internacional, os agentes acompanham o trabalho de colheita da temporada 2017/2018 nos Estados Unidos. Embora a área norte americana semeada tenha sido recorde, as condições das lavouras estão inferiores às do ano passado, o que pode sustentar os preços nos próximos meses.

GRÁFICO 2
Indicador do Milho Esalq/BM&FBovespa
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

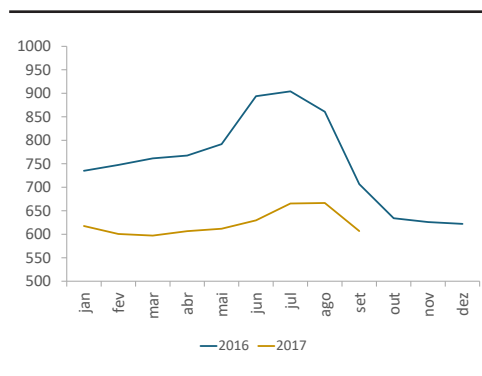
Perspectivas para o milho

Como reflexo da produção recorde de 97,7 milhões de toneladas na safra 2017/2018, o mercado brasileiro de milho segue com perspectiva de elevada disponibilidade de oferta nos próximos meses. Nesse cenário, o ritmo das exportações deverá balizar o comportamento dos preços. No acumulado da temporada (fevereiro a setembro de 2017), as embarcações somaram 15,3 milhões de toneladas, e a expectativa é de que sigam em ritmo forte.

Os preços do trigo subiram de junho a agosto, em função dos baixos volumes disponíveis para negociação e da maior procura de moinhos. Incertezas climáticas no Brasil e nos principais países fornecedores do cereal ao mercado brasileiro (Paraguai, Estados Unidos e Argentina) também foram fatores de sustentação dos preços no período. No entanto, em setembro houve queda, com as cotações pressionadas principalmente pela maior oferta do cereal recém-colhido. O preço médio do trigo Cepea/Esalq – Paraná foi de R\$ 646,23/t no terceiro trimestre do ano, valor 4,9% superior ao do trimestre anterior. De forma similar ao que se observou para a soja e o milho, na comparação anual (janeiro a setembro de 2017 frente ao mesmo período de 2016), o preço médio do trigo recuou (22%, conforme o gráfico 3).

GRÁFICO 3

Preço Médio do Trigo Cepea/Esalq – Paraná
(Em R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

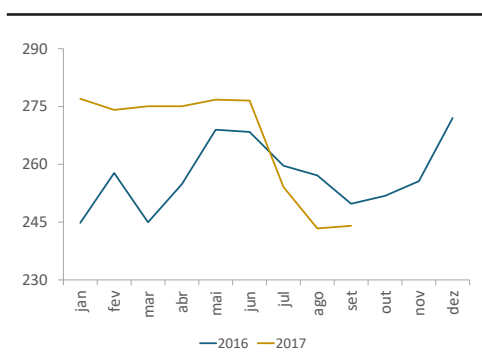
Perspectivas para o trigo

Para as próximas semanas, os agentes acompanham de perto os trabalhos de avanço da colheita e as condições climáticas, que ainda podem impactar na qualidade das lavouras no final do ciclo. Neste ambiente, existe a perspectiva de que o avanço da colheita pressione ainda mais as cotações no mercado interno.

A maior disponibilidade de algodão em pluma, em função do avanço da colheita da safra 2016/2017, aliada à retração compradora em negociar, manteve os preços em queda no mercado interno no terceiro trimestre do ano. Neste período, boa parte das indústrias demonstrou interesse apenas na aquisição de pequenos volumes, pressionando os preços domésticos. A média dos preços no terceiro trimestre foi de R\$ 2,4718/lp, valor 10,5% menor que o do trimestre anterior, em termos nominais. Por sua vez, a média dos nove primeiros meses do ano esteve em patamar 3,9% superior à do mesmo período do ano passado – também na análise nominal (gráfico 4).

GRÁFICO 4

Indicador do Algodão em Pluma Cepea/Esalq
(Em centavos de R\$/lp)



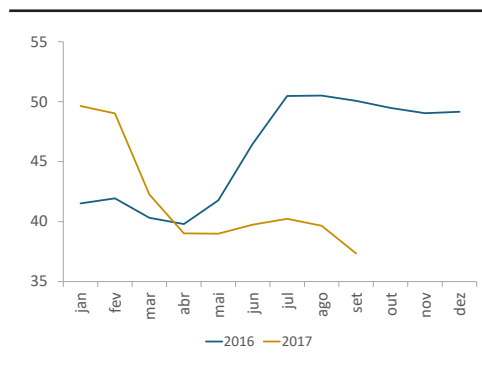
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas para o algodão

Para as próximas semanas, a perspectiva é que produtores passem a intensificar o beneficiamento da pluma após a conclusão da colheita, visando ao cumprimento de contratos já realizados. O recebimento de pluma de contratos deixa parte dos compradores fora de mercado, com expectativa de que as cotações possam cair nas próximas semanas, permitindo aquisições mais atrativas no curto prazo por parte da indústria.

O aumento na produção nacional de arroz, de cerca de 16% em relação à temporada passada, pressionou os preços nos últimos meses. Em setembro, a média do Indicador Esalq/Senar-RS foi de R\$ 37,35/sc de 50 kg – a menor média mensal desde agosto de 2015. A média do terceiro trimestre do ano foi de R\$ 39,08/sc, valor 0,4% abaixo daquele do trimestre anterior. Na comparação para o acumulado do ano, a redução é de 6,7% (gráfico 5).

GRÁFICO 5
Indicador de Arroz em Casca Esalq/Senar-RS
(Em R\$/saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

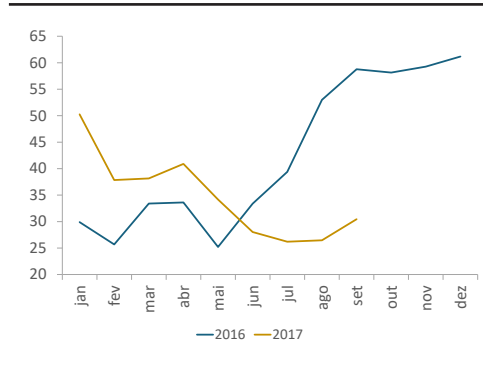
Perspectivas para o Arroz

Para as próximas semanas, a atenção dos agentes está voltada ao início dos trabalhos de semeio da safra 2017/2018, às condições climáticas e ao desenvolvimento das lavouras. Para as próximas semanas ou meses, orizicultores aguardam um possível apoio do governo em relação à comercialização, em função dos atuais patamares de preços, considerados baixos.

De acordo com dados do IBGE, entre os hortifrutícolas, a banana e a batata são produtos de destaque na formação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). A batata, ao lado do tomate, esteve entre os principais produtos do grupo de tubérculos, raízes e legumes, enquanto a banana, consideradas suas diversas variedades, foi o principal produto em peso no grupo das frutas. Ambos os produtos, banana e batata, passaram por reduções expressivas de preços em 2017.

No caso da banana nanica, no trimestre de julho a setembro, a oferta foi menor na maior parte das regiões, exceto em Santa Catarina, onde os preços ficaram até mesmo abaixo do custo de produção para o período. O cenário do norte catarinense, por sua vez, pressionou as cotações em todas as regiões produtoras frente ao trimestre anterior. Para a variedade prata, a disponibilidade foi levemente maior que a do período anterior (trimestre de abril a junho), pressionando as cotações. Com isso, na comparação entre o segundo e terceiro trimestres, houve redução de 19% nos preços da banana nanica. Comparando os primeiros nove meses de 2016 e de 2017, a desvalorização foi de 6% (gráfico 6).

GRÁFICO 6
Preço Médio de Comercialização da Banana Nanica de Primeira na Ceagesp
(R\$/ caixa de 22 kg)



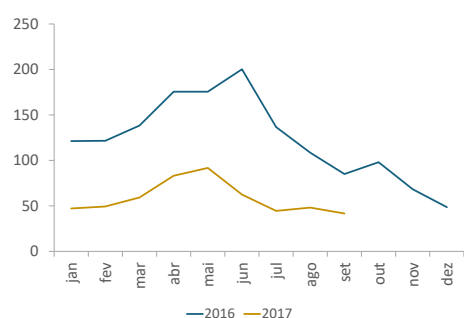
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas para a Banana

No primeiro mês do último trimestre (outubro), o aumento da oferta das duas principais variedades (nanica e prata) ainda pode pressionar as cotações nas regiões produtoras da fruta. Por seu turno, no último bimestre do ano, a colheita está prevista para ser menor, podendo proporcionar recuperação nos preços – ainda que estes possam não atingir os elevados patamares de 2016.

Entre julho e setembro, os preços da batata estiveram abaixo dos custos de produção. O principal motivo foi o acentuado aumento da área cultivada em Vargem Grande do Sul (SP) e Cristalina (GO). Aliada ao ganho de área, a produtividade ficou acima da média histórica nas duas regiões, efeito do clima mais favorável e da boa qualidade das batatas-sementes utilizadas. Com a maior oferta no período, as cotações recuaram expressivos 43% frente ao trimestre imediatamente anterior. Na comparação da parcial anual (janeiro a setembro), a redução dos preços da batata foi de 58% (gráfico 7).

GRÁFICO 7
Preço Médio de Comercialização da Batata Ágata Especial no Atacado Paulistano (Ceagesp)
 (Em R\$/saca de 50 kg)



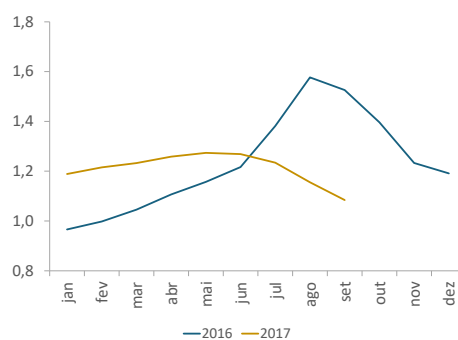
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas para a Batata

A partir de outubro, os preços da batata devem começar a subir, com a proximidade do encerramento da safra de inverno de Vargem Grande do Sul (SP) e a desaceleração da oferta de Cristalina (GO). Assim, a oferta do tubérculo tende a diminuir no mercado, permitindo que os preços fiquem acima dos custos médios de produção até o final do ano.

Voltando-se aos produtos de origem animal, a gráfico 8 mostra a evolução do preço do leite recebido pelos produtores. Para esse produto, a variação do terceiro trimestre frente ao trimestre anterior foi de -8,6%. Diante desse movimento, o Mapa decidiu suspender temporariamente as importações de lácteos do Uruguai, visando a melhorias no mercado. No entanto, estudo do Cepea aponta que a formação de preços de lácteos no mercado interno não é diretamente influenciada pelas compras externas.³ Mas, como o patamar do primeiro semestre foi extremamente elevado, na comparação de janeiro a setembro de 2017 com o mesmo período de 2016, houve ligeira redução (de 0,6%). A demanda enfraquecida por lácteos na ponta final da cadeia tem pressionado as cotações do leite no campo nos últimos meses. Ademais, melhor condição climática (principalmente no Sul do país) colaborou para elevar a oferta no campo. Apesar dos preços baixos, atacado e indústria reportam

GRÁFICO 8
Preço do Leite Recebido Pelo Produtor - Preço Líquido (Sem Frete e Impostos)
 (Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

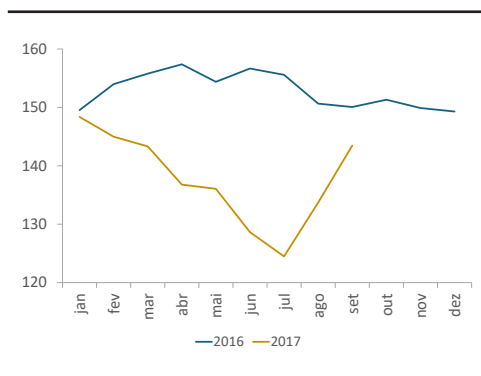
³ Mais detalhes sobre essa questão podem ser encontrados no texto *Barrar as importações vai aumentar o preço do leite pago ao produtor?*, disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opiniaio-cepea/barrar-as-importacoes-vai-aumentar-o-preco-do-leite-pago-ao-produtor.aspx>>.

formação de estoques, o que tem levado ao aumento do prazo de pagamento entre indústria e atacado e, mais recentemente, entre indústria e produtor. De qualquer forma, a queda de preços no campo não parece se repetir com a mesma intensidade no varejo.

Quanto às perspectivas, o consumo pode se recuperar levemente devido ao processo de recuperação econômica, e os preços dos lácteos em baixos patamares nas gôndolas devem estimular uma retomada da demanda. No entanto, a resposta do consumidor pode não ser imediata. Com o retorno das chuvas no Sudeste e no Centro-Oeste e o fim do período de entressafra, a produção de leite deve se elevar, aumentando mais a pressão sobre as cotações ao produtor. Porém, o aumento do prazo de pagamento das indústrias ao produtor e a menor receita obtida neste período podem desestimular a atividade, podendo conter o aumento da produção. Os preços do leite ao produtor em baixos patamares devem afetar a atividade leiteira, tanto estimulando a transição de uma parcela de pecuaristas para o mercado de corte (como já vem sendo observado em algumas Unidades da Federação – UFs, a exemplo de Goiás, Bahia e Mato Grosso), como diminuindo os investimentos direcionados à produção (o que pode contribuir para a perda de volume e qualidade da produção ao longo do ano).

No caso do boi gordo, a redução característica na oferta de animais prontos para o abate no período da entressafra (por volta de julho a outubro) foi maior neste ano, em virtude das incertezas sobre o setor (gráfico 9). A instabilidade gerada pelos acontecimentos no setor frigorífico em 2017 retraiu os investimentos por parte dos pecuaristas para o primeiro giro do confinamento, o que acentuou a redução na oferta de animais prontos para o abate. Então, agosto foi marcado pela forte alta de 13,89% no Indicador do boi gordo Esalq/BM&FBovespa (estado de São Paulo). Pelo lado da demanda, o fator que contribuiu para a recuperação dos valores da arroba do boi gordo ao longo do trimestre foi a exportação, que registrou bom ritmo de julho a setembro, superando em 32,5% o volume embarcado no mesmo período de 2016. Devido principalmente aos baixos valores de julho, a média de preços do terceiro trimestre do ano se manteve praticamente estável frente à média do segundo trimestre, mesmo com as elevações de agosto e setembro. Por sua vez, na comparação da parcial anual (janeiro a setembro de 2017 e de 2016), tem-se redução nominal de 10%.

GRÁFICO 9
Preço da Arroba da Carne Bovina
(Em R\$)



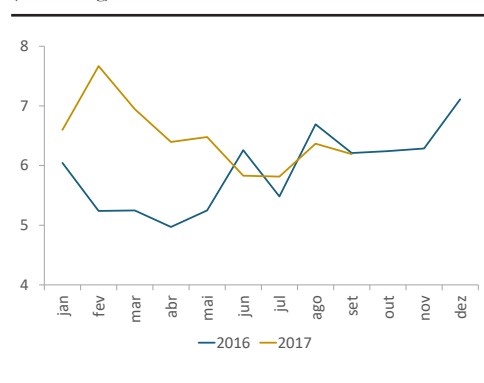
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas quanto à Carne Bovina

Os contratos futuros do boi gordo sinalizam estabilidade de preços em relação aos valores atuais, para os últimos meses de 2017. Os fatores determinantes para que a possível estabilidade se mantenha dependem de variáveis climáticas e mercadológicas. A regularidade das chuvas na região central do Brasil pode melhorar a oferta de boi gordo até o final do ano, e o consumo de carne bovina tende a se manter mais firme no mesmo período.

Ao longo do terceiro trimestre, as cotações da carne suína passaram por valorização. Mas, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, houve ainda certa redução, de 1,77% (ver gráfico 10). Com recorde para o ano em agosto, os embarques de carne suína diminuíram os estoques domésticos e contribuíram com a estratégia do setor de ajustar a oferta, já que a demanda interna não esteve tão firme no período. Com isso, os preços aumentaram no último mês. Os custos de produção também contribuíram com as altas recentes, sendo repassada à carne a valorização dos grãos, da energia elétrica e dos combustíveis. Na comparação com os nove primeiros meses de 2016, houve alta nominal de 13% para a carne suína.

GRÁFICO 10
Carcaça Especial Suína no Atacado da Grande São Paulo
(Em R\$/kg)



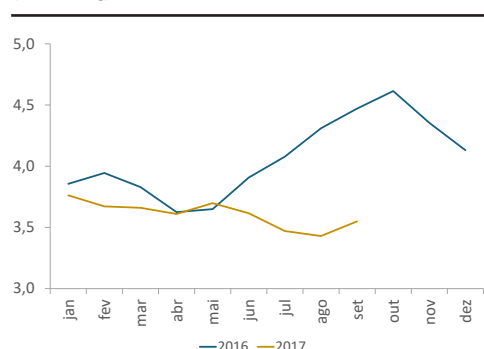
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas para a carne suína

A elevada produção da bovinocultura de corte ainda é um risco aos preços dos produtos suínos. No entanto, a quantidade de carne suína enviada ao exterior tende a se manter firme, sustentando os preços no mercado doméstico. A demanda, tradicionalmente mais aquecida no final de ano pelos brasileiros, também traz ao setor boas expectativas de vendas até dezembro.

Com demanda interna enfraquecida e oferta de carne de frango elevada, os preços caíram nas principais regiões analisadas pelo Cepea em julho e agosto de 2017, com recuperação apenas em setembro (gráfico 11). As exportações ajudaram a sustentar os preços e a escoar estoques, evitando quedas mais bruscas. Em agosto, o país obteve o melhor desempenho exportador da história para o mês, o que reforça a importância do mercado internacional para o setor avícola. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, houve redução de 4% nas cotações, ao passo que, na comparação anual (janeiro a setembro), a queda foi de 9%.

GRÁFICO 11
Frango Abatido (Inteiro Resfriado) no Estado de São Paulo
(Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

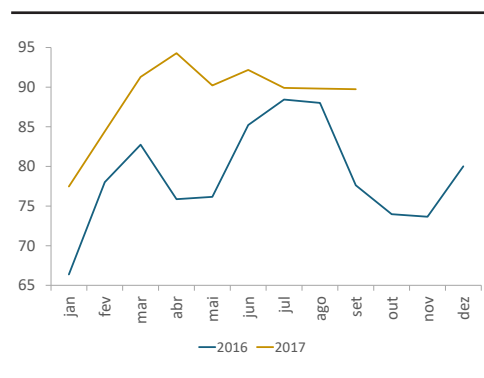
Perspectivas para a de Frango

O bom ritmo de exportações até o momento indica que a disponibilidade interna de frango mais enxuta pode sustentar a oferta no país até o final do ano, amenizando possíveis quedas de preços. Um risco para o setor é a competitividade com as principais carnes concorrentes – a bovina e a suína.

Os preços de ovos, que vinham em alta no primeiro semestre, quando oferta e demanda estavam mais ajustadas, caíram de julho a setembro de 2017 – 3% frente ao trimestre anterior (gráfico 12). O recuo atrelou-se, principalmente, à produção tipicamente elevada no período de temperaturas mais amenas, que, somada à entrada de ovos caipiras no mercado de ovos tipo extra, colaborou com o aumento da oferta. Assim como para a carne suína, o mercado de ovos ao longo de 2017 está em alta frente ao mesmo período de 2016, com as cotações em patamar 15% superior.

GRÁFICO 12

Indicador Ovos Cepea – tipo extra branco – Bastos(SP)
(Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas - Ovos

Descartes recentes de poedeiras ajudaram a controlar a oferta, em um momento em que se espera demanda mais enfraquecida até o final do ano. Os plantéis tendem a estabilizar o tamanho e a qualidade dos ovos, prejudicados pelos descartes, ajudando na reação das cotações. Para o período de festas, historicamente, as indústrias sinalizam maior volume de compras, o que eleva a liquidez do mercado.

2 Produção e Emprego no Agronegócio: Insumos, Primário, Agroindústria e Agrosserviços⁴

As estimativas contemplando informações dos primeiros sete meses de 2017 (período mais recente de atualização dos cálculos) indicam crescimento interanual de 5,8% no PIB-volume do agronegócio (tabela 1), conforme os cálculos do Cepea/Esalq/USP feitos em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Como já identificado nas estimativas anteriores, apresentadas na *Carta de Conjuntura no 36*, o principal impulso ao PIB-volume do agronegócio vem do seu segmento primário, ou da agropecuária, com crescimento estimado em 17,1%. Essa taxa é ainda superior à apresentada anteriormente para esse segmento. A reestimativa para cima da variação do PIB-volume da agropecuária decorreu, principalmente, de ajustes positivos nas estimativas de safra para diversas culturas, como também da produção primária

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária; produção agropecuária básica, ou primária; agroindústria (processamento); e agrosserviços.

⁴ Esta seção foi produzida por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Leandro Gilio, Arlei Luiz Fachinello e Adriana Ferreira Silva – todos do Cepea/Esalq/USP.

pecuária. Entre as culturas acompanhadas, chamaram a atenção as reestimativas de safra feitas pelo IBGE para a batata, a cebola e a laranja, e também os ajustes positivos realizados pela Conab para algodão e milho. No caso do algodão, segundo a Conab, ainda que a estimativa da área para esta safra seja de redução frente à anterior, apresentou aumentos ao longo dos levantamentos, sob influência da melhora no quadro interno de oferta e demanda. No caso do milho, o aumento da área prevista com a segunda safra influenciou positivamente as estimativas. Ademais, a companhia ressalta que o bom desenvolvimento do clima também impactou nas reestimativas positivas das safras de algodão e milho.

A safra recorde na agricultura, aliada ao aumento, ainda que modesto, previsto para a produção pecuária no ano, tem estimulado a atividade também nos segmentos de insumos e de agrosserviços do agronegócio. Para os insumos, o crescimento estimado do PIB-volume é de 2,5% e, para os agrosserviços, de 3,6%. Frente à análise apresentada na *Carta de Conjuntura* anterior, houve uma melhora nas perspectivas para a agroindústria, com as estimativas mais recentes apontando para a quase estabilidade do segmento: apenas ligeira redução de 0,1% no PIB-volume. A reestimativa para cima do resultado agroindustrial decorreu da tendência de melhora do desempenho produtivo tanto da indústria agrícola quanto na pecuária, nos últimos meses. Esse movimento de certa recuperação foi quase generalizado entre as agroindústrias acompanhadas, não sendo puxado por nenhum setor específico. Entretanto, deve-se destacar que o patamar de comparação – os primeiros sete meses de 2016 – é bastante baixo.

TABELA 1
Varição interanual estimada para o PIB - Volume
 (jan.-jul./2017)

PIB-VOLUME			
Agronegócio +5,8%			
Segmentos			
Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços
2,50%	17,10%	-0,10%	3,60%

Fonte: Cepea/USP e CNA, com base em dados próprios e IBGE, Conab, ANDA, Sindiveg e ANFAVEA.

Em tendência contrária à do PIB-volume, em que o produto é medido pelo critério de preços constantes, refletindo as variações de volume de produção, o patamar de preços dos produtos do agronegócio recuou ainda mais quando consideradas informações até julho. Então, na comparação entre os sete primeiros meses de 2017 e de 2016, os preços do agronegócio cresceram 7,8% a menos que os preços médios da economia. Com isso, para o PIB-renda do agronegócio (PIB nominal deflacionado pelo deflator do PIB nacional), estima-se retração anual de 2,5%. Diferentemente do PIB-volume, o PIB-renda do agronegócio reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo tanto as variações de volume quanto as de preços reais do setor.

Como se observa na tabela 2, na comparação interanual do período de janeiro a julho deste ano, houve perda em termos de preços relativos para todos os segmentos

do setor, sobretudo para o primário. No entanto, a forte elevação do PIB-volume agropecuário se sobrepôs ao movimento baixista dos preços, e o PIB-renda desse segmento segue com estimativa de elevação, em 4,5%. Para os demais segmentos, as variações negativas de preços não foram compensadas por ganhos de produção, e as estimativas para o PIB-renda são de redução.

TABELA 2

Varição interanual estimada para o PIB-renda e os preços relativos do agronegócio (janeiro-julho/2017)*

(Em %)

	Preços Relativos*	PIB-renda do Agronegócio
Agronegócio Total	-7,8	-2,5
- Insumos	-5,3	-2,9
- Primário (Agropecuária)	-10,7	4,5
- Agroindústria	-5,8	-5,9
- Agrosserviços	-7,5	-4,2

*Comparação entre os deflatores do PIB do agronegócio e do PIB da economia toda.
Fonte: Cepea/USP e CNA.

Voltando o foco ao PIB-volume do agronegócio, para 2018, as primeiras expectativas de desempenho das lavouras apontam para redução da produção de grãos (LSPA – IBGE; Acompanhamento da safra brasileira de grãos – Conab). Segundo a Conab,⁵ a redução prevista deve se situar no intervalo de 4,4% a 6,2%, e é resultado das estimativas de retração da produtividade para praticamente todos as culturas – diante da possível manutenção ou ligeiro crescimento de área. Menciona-se que o padrão de comparação (safra 2016/2017) é extremamente elevado, com produtividades recordes em diversos estados. Para outras culturas importantes na composição do PIB agropecuário, como o café e a cana-de-açúcar, as primeiras expectativas também são de baixa ou incertas. No caso do café, apesar de 2018 ser um ano de bionalidade positiva, o clima seco nas regiões produtoras nos últimos meses prejudicou o desenvolvimento da safra, de modo que o resultado para o próximo ano dependerá das condições climáticas nos próximos meses. Para a cana, informações recentemente divulgadas pela Consultoria Datagro (e obtidas com a União dos Produtores de Bioenergia – UDOP) apontam para uma menor produção na região Centro-Sul (-3%, aproximadamente). A redução estaria relacionada ao atraso no desenvolvimento da cana, à chance de ocorrência de La Niña e à padronização observada na maioria dos canaviais.

Em contrapartida ao possível desempenho negativo da agropecuária, espera-se recuperação da agroindústria em 2018, sendo que, em 2017, o segmento deve se manter praticamente estável. De acordo com a análise da Carta de Conjuntura no 36, os indicadores de atividade econômica têm apontado para a consolidação do processo de estabilização da economia brasileira, com possível reação dos empregos e comportamento favorável da inflação. Como parte relevante da agroindústria nacional tem seus resultados vinculados em grande medida ao mercado doméstico,

5 Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_11_10_14_13_48_boletim_de_grao_-_2o_lev_2017.pdf>.

esse cenário geral aponta para a recuperação da produção agroindustrial em 2018.



No segundo trimestre de 2017, aumentou em 1,3% o número de pessoas ocupadas⁶ no agronegócio, em relação ao primeiro trimestre do ano. O aumento ocorreu principalmente na agroindústria, com alta de 4,6%. Nas comparações com o ano passado, no entanto, o número de ocupações continua em baixa em 2017. Comparando-se o segundo trimestre de 2017 com o mesmo período de 2016, a redução foi de 2,3%. Continua pesando nesse resultado a redução dos ocupados no segmento primário do agronegócio, ou na agropecuária (de aproximadamente 7,7%), conforme a tabela 3.

TABELA 3
Variação no total de pessoas ocupadas no agronegócio e em seus segmentos
(Em %)

Segmento / Variação na quantidade de pessoas ocupadas	1º tri 17 / 1º tri 16	2º tri 17 / 2º tri 16	2º tri 17 / 1º tri 16
Insumos	-2,8	9,8	9,2
Primário	-7,6	-7,7	-0,2
Agroindústria	-2,4	3,6	4,6
Agrosserviços	1,2	2,1	1,2
Total agronegócio	-3,9	-2,3	1,3

Fonte: Cepea/USP, a partir de dados da PNAD Contínua Trimestral (IBGE) e da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS (MTE)

Do aumento das ocupações no agronegócio entre o primeiro e o segundo trimestres deste ano, a maior parte se deu na categoria de empregados sem carteira assinada. Nessa categoria, o aumento foi de 165 mil pessoas, ou de 5,7% frente ao primeiro trimestre. Desse modo, verifica-se que o aumento no número de ocupados parece ter sido acompanhado de uma piora da qualidade dos empregos.

Na comparação do cenário de 2017 com o de 2016, em linhas gerais, se verificam menos empregados com carteira assinada e trabalhadores por conta própria no agronegócio. Por outro lado, aumentou o número de empregados sem carteira assinada e de empregadores (tabela 4). Como destacado na *Carta de Conjuntura no 36* sobre economia agrícola, há indicativos de que, provavelmente, a redução do pessoal ocupado do agronegócio se deu principalmente através de trabalhadores por conta própria vinculados a atividades de menor importância econômica, localizados majoritariamente no Nordeste.

Por outro ângulo, quando analisadas as variações das ocupações por categorias de grau de instrução, em todas as comparações, verifica-se aumento dos ocupados com ensino superior e reduções relevantes dos ocupados sem instrução (tabela 5). Esse cenário reflete o que se observa no mercado de trabalho geral de país. De

⁶ Seguindo procedimento do IBGE na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, as estimativas para o mercado de trabalho do agronegócio feitas pelo Cepea não consideram como pessoas ocupadas aqueles indivíduos que desenvolveram trabalhos na produção para o próprio consumo.

acordo com informações do IBGE (2017),⁷ os níveis de ocupação⁸ mais elevados no segundo trimestre de 2017 foram observados para os grupos com nível mais alto de instrução. No segundo trimestre, 26,6% das pessoas sem instrução e menos de um ano de estudo estava trabalhando, enquanto 77,3% das pessoas com nível superior completo estavam nessa condição. Vale destacar que, ainda que tenha aumentado o número de pessoas ocupadas na categoria referente ao ensino superior, o contingente de pessoas alocadas nessa categoria dentro do agronegócio é reduzido (a categoria representou 13,4% dos ocupados no setor no segundo trimestre de 2017).

TABELA 4

Varição no total de pessoas ocupadas no agronegócio por grupos de posição na ocupação e categorias de emprego
(Em %)

Categorias de posição na ocupação e categorias de emprego	1º tri 17 / 1º tri 16	2º tri 17 / 2º tri 16	2º tri 17 / 1º tri 16
Empregado c/ carteira	-2,5	-1,4	0,4
Empregado s/ carteira	2,1	2,6	5,7
Empregador	10,8	19,2	5,5
Conta-própria	-9,7	-7,8	0,9
Outros*	-2,9	-1,9	-2,2

* Outros inclui as categorias: Militar e servidor estatutário e Trabalhador familiar auxiliar.

Fonte: Cepea/USP, a partir de dados da PNAD Contínua Trimestral (IBGE) e da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS (MTE).

TABELA 5

Varição no total de pessoas ocupadas no agronegócio por categorias de grau de instrução
(Em %)

Categorias de instrução	1º tri 17 / 1º tri 16	2º tri 17 / 2º tri 16	2º tri 17 / 1º tri 16
Sem instrução	-29,9	-41,1	-16,5
Fundamental*	-2,7	2,1	4,0
Médio*	2,3	4,5	2,9
Superior*	4,4	6,7	1,4

* Completo e incompleto.

Fonte: : Cepea/USP, a partir de dados da PNAD Contínua Trimestral (IBGE) e da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS (MTE).

3 PIB Agropecuário: Indicador Mensal e Previsão para 2017-2018⁹

O cálculo do indicador mensal de PIB agropecuário segue a metodologia básica exposta na *Nota Técnica da Carta de Conjuntura no 36*. O cálculo foi aperfeiçoado e atualizado, nas seguintes dimensões: i) os pesos de cada subgrupo de atividade foram atualizados em conformidade com as novas Tabelas de Recursos e Usos (TRU) do Sistema de Contas Nacionais (SCN), do IBGE, divulgadas para o ano de 2015; ii) as estimativas de produção para 2017 foram atualizadas com base nos

7 Indicadores IBGE. PNAD Contínua. Segundo Trimestre de 2017. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201702_trimestre_caderno.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201702_trimestre_caderno.pdf)>.

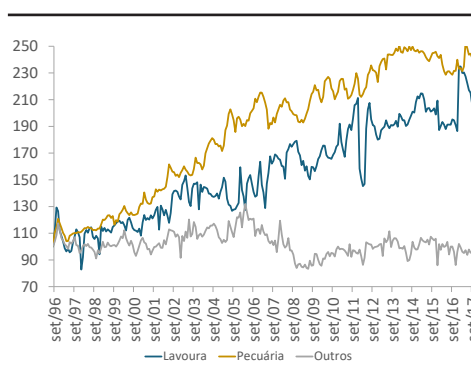
8 O nível de ocupação reflete o percentual de pessoas ocupadas na semana de referência em relação às pessoas em idade de trabalhar.

9 Subseção elaborada por Leonardo Melo de Carvalho e Marco Antônio F. H. Cavalcanti, ambos da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

novos dados do LSPA e das pesquisas trimestrais de abate de animais, produção de leite e produção de ovos de galinha; iii) o indicador foi estendido até 1996, por meio de backcast das séries de produção pecuária para o período anterior a 1997, com o uso de modelos ARIMA; e iv) para os produtos da lavoura, supôs-se uma transição linear entre os fatores sazonais estimados no Censo Agropecuário de 1996 e no Censo Agropecuário de 2006, ambos do IBGE.

Após registrar forte crescimento nos primeiros três meses de 2017, quando avançou 11,5% frente ao quarto trimestre de 2016, na comparação livre de efeitos sazonais, o desempenho do indicador Ipea de PIB Agropecuário segue desacelerando (gráfico 13). A queda de 1,8% na passagem entre os meses de agosto e setembro foi a quinta variação negativa consecutiva. Com isso, o terceiro trimestre registrou queda de 3,4% na margem. Entre os seus componentes, a lavoura foi o destaque negativo, recuando 6,2% sobre o segundo trimestre. Já na comparação com o mesmo período do ano anterior, os resultados continuam positivos, embora apresentem alguma desaceleração. A alta de 2,5% em setembro foi a nona consecutiva, encerrando o terceiro trimestre com crescimento de 7,7%. Com isso, a agropecuária acumulou avanço de 12,9% nos primeiros nove meses do ano (tabela 6).

GRÁFICO 13
Indicador Ipea de PIB Agropecuário e Componentes (jan./1996-set./2017)
(Índices dessazonalizados, média de 1995 = 100)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

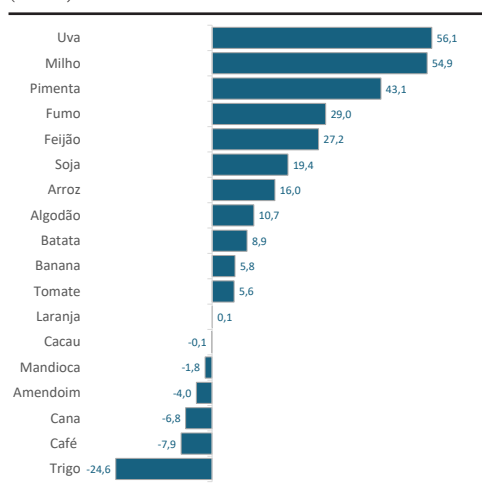
TABELA 6
Indicador Ipea de PIB Agropecuário e Componentes
(Variação em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Jul17	Ago17	Set17	TRI	Jul17	Ago17	Set17	TRI	No ano	Em 12 Meses
Agropecuária	-0,9	-0,7	-1,8	-3,4	10,3	8,7	2,5	7,7	12,9	9,6
Lavoura	-2,3	-0,9	-4,4	-6,2	12,0	11,7	4,3	10,1	18,0	14,7
Pecuária	-2,0	0,3	-1,4	-1,0	5,5	6,8	3,3	5,2	2,7	0,7
Outros	4,3	-2,5	0,1	0,8	4,0	-4,3	-5,5	-2,4	-3,4	-4,5

Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura Dimac/Ipea.

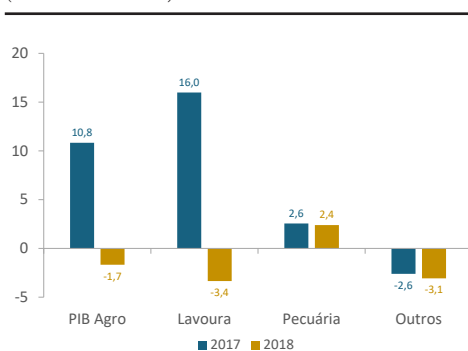
Com base em modelos econométricos de séries de tempo, e levando em conta as estimativas do IBGE para o resultado da lavoura em 2017 (LSPA), o Ipea estima alta de 10,8% para o PIB agropecuário em 2017. Entre os principais componentes, destacaram-se as safras de milho e soja, com estimativas de crescimento de 54,9% e 19,4%, respectivamente (gráfico 14). Em relação ao resultado de 2018, a estimativa é de pequena retração, com queda de 1,7%, puxada pela redução da safra de grãos (gráfico 15).

GRÁFICO 14
Principais Produtos da Lavoura – Crescimento
Projetado em 2017
 (Em %)



Fonte: LSPA/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

GRÁFICO 15
Previsões de Crescimento Para o PIB do Setor Agropecuário – Por Segmento (2017-2018)
 (Em % ao ano – a.a)



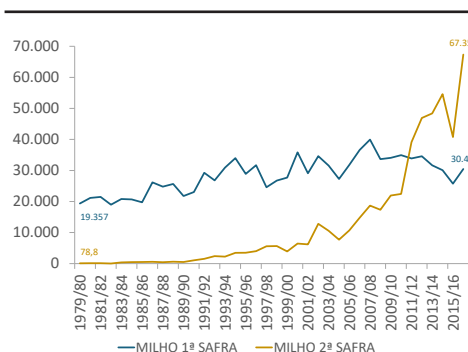
Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

4 Valor da Produção Agropecuária (VBP)¹⁰

A estimativa do VBP agropecuário de 2017, com base nas informações de janeiro a setembro, mostra um valor de R\$ 535,42 bilhões, 2,1% acima do obtido em 2016, que foi de R\$ 524,49 bilhões. As lavouras tiveram um crescimento real de 6,3%, e a pecuária, redução de 5,9%. Na composição do VBP deste ano, as lavouras geraram um valor de R\$ 365,88 bilhões, 68,3% do total, e a pecuária, R\$ 169,53 bilhões, 31,7% do total (tabela 7). Como o ano civil está quase encerrado, devemos ter pequenas alterações até o final do ano.

Os principais destaques em termos de aumento de valor são algodão herbáceo, 74,4%; cana-de-açúcar, 33,4%; mandioca, 91,1%; milho, 14,6%; e uva, 49,3%. A decomposição dos fatores que afetaram o valor da produção mostrou que o resultado não se deve à expansão de área, mas sim a preços e ganhos de produtividade. O milho destaca-se entre os produtos, pois obteve crescimento da produção de 47,0% em relação ao ano de 2016. Deve-se este crescimento ao grande aumento de produção do milho de segunda safra, que teve um acréscimo de 65,2% (gráfico 16). Esse resultado permitiu a elevação de suas exportações, que passaram de 18,9 milhões de toneladas em 2016 para 30 milhões neste ano.

GRÁFICO 16
Brasil: Produção de Milho, 1980 – 2016.
 (Em mil t)



Fonte: Conab, 2017.

¹⁰ Esta seção foi produzida por José Garcia Gasques e Eliana Tele Bastos (Secretaria de Política Agrícola – SPA/Mapa).

Na pecuária, os melhores resultados são observados em carne suína, com aumento real do valor de 7,7%, e leite, com 8,6%. Por outro lado, os preços de carne bovina, frango e ovos derrubaram os resultados da pecuária neste ano.

TABELA 7

Valor bruto da produção - lavouras e pecuária - Brasil (setembro/2017)

(Em R\$)*

LAVOURAS	2015	2016	2017	variação % 2016/2017
Algodão herbáceo	13.686.350.262	12.425.759.868	21.676.303.800	74,4
Amendoim	1.099.897.527	1.235.515.652	1.274.138.739	3,1
Arroz	10.898.479.142	9.977.342.313	10.979.387.483	10,0
Banana	9.960.899.332	14.667.680.239	11.341.023.157	-22,7
Batata - inglesa	6.031.321.024	7.267.334.753	3.472.612.766	-52,2
Cacau	1.434.755.594	1.870.767.533	1.343.620.848	-28,2
Café	20.426.347.272	24.373.694.839	21.060.406.541	-13,6
Cana-de-açúcar	52.307.962.606	54.952.632.925	73.281.469.849	33,4
Cebola	3.180.497.792	3.625.300.659	1.919.946.239	-47,0
Feijão	8.650.764.609	11.177.828.948	8.983.779.903	-19,6
Fumo	7.935.855.826	5.633.553.579	-	-
Laranja	11.896.829.484	12.687.131.643	13.917.421.547	9,7
Mamona	68.083.539	44.731.110	26.725.143	-40,3
Mandioca	7.551.994.453	6.347.145.071	12.126.483.784	91,1
Milho	43.311.385.344	41.183.830.407	47.202.671.348	14,6
Pimenta-do-reino	1.391.056.697	1.336.668.137	1.384.897.992	3,6
Soja	113.520.475.876	114.249.385.086	115.903.450.029	1,4
Tomate	15.137.449.024	8.629.851.253	8.418.684.123	-2,4
Trigo	3.761.543.140	4.924.276.881	3.109.624.101	-36,9
Uva	3.920.546.136	3.416.014.541	5.099.604.054	49,3
Maçã	3.839.617.954	4.285.202.176	3.364.621.238	-21,5
TOTAL LAVOURAS	340.012.112.634	344.311.647.612	365.886.872.685	6,3
Bovinos	76.493.380.175	71.601.409.159	66.366.880.351	-7,3
Suínos	15.465.269.543	14.272.194.511	15.372.589.853	7,7
Frango	52.892.307.764	53.893.616.082	47.558.809.279	-11,8
Leite	29.000.178.600	26.908.841.717	29.218.285.095	8,6
Ovos	12.526.002.445	13.503.959.982	11.016.367.472	-18,4
TOTAL PECUÁRIA	186.377.138.526	180.180.021.451	169.532.932.050	-5,9
VBP TOTAL	526.389.251.160	524.491.669.063	535.419.804.735	2,1

* Valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV - setembro/2017.

Fonte Produção: Lavouras: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA, setembro/2017; Pecuária: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais; Pesquisa Trimestral do Leite, Produção de Ovos de Galinha. Considerou-se para o ano em curso a produção dos últimos 4 trimestres.

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados; Preços Recebidos pelos Produtores média anual para os anos fechados e para 2017, preços médios de janeiro a setembro.

CONAB para: Algodão herbáceo, Amendoim, Arroz, Banana, Batata - inglesa, Cacau, Cana-de-açúcar, Cebola, Feijão, Fumo, Laranja, Mamona, Mandioca, Milho, Pimenta-do-reino, Soja, Tomate, Uva, Bovinos, Suínos, Leite, Ovos; Cepea/ESALQ/USP para: Café, Maçã, Trigo e Frango; Café refere-se ao café arábica tipo 6, bebida dura para melhor e café robusta tipo 6, peneira 13 acima, com 86 defeitos; maçã refere-se a maçã gala nacional.

OBS: Devido a descontinuidade da informação pela FGV/FGVDados, comunicado da FGV em 24/04/2017, foram usados preços da FGV até dez/2016. A partir desta data os produtos, que antes eram informados pela FGV, passaram a ser substituídos pelos preços da Conab.

Nota: a partir de setembro de 2015 preços de laranja retroativo a 2012 e frango retroativo a 2005, foram alterados para Conab e Cepea respectivamente. Para cacau, a partir de abril/2017, retroativo à jan/2016 foi alterado para Conab.

Elaboração: CGEA/DCEE/SPA/MAPA.

Alguns produtos não vêm obtendo bom desempenho devido, em geral, à forte queda de preços (tabela 8). Os principais são banana, com queda de -22,7% do valor; batata-inglesa, -52,2%; cacau, -28,2%; café, -13,6%; cebola, -47,0%; feijão, -19,6%; trigo, -36,9%; e maçã, -21,5%.

Os resultados regionais mostram a continuada liderança do Sul, com um faturamento de R\$140,98 bilhões, seguida por Centro-Oeste, R\$ 138,53 bilhões; Sudeste, R\$ 137,2 bilhões; Nordeste, R\$ 49,4 bilhões; e Norte com R\$ 32,5 bilhões.

TABELA 8
Preços Agrícolas (Setembro/2017)
(Em R\$)*

Produto	Unidade	2015	2016	2017	Var. % 2015/16	Var. % 2016/17
Algodão em Caroço	R\$/kg	3,37	3,59	5,67	6,6	57,9
Amendoim	R\$/kg	2,20	2,19	2,35	-0,5	7,5
Arroz	R\$/kg	0,89	0,94	0,89	6,0	-5,3
Banana	R\$/DZ	1,71	2,17	1,59	26,6	-26,4
Batata Inglesa	R\$/kg	1,56	1,89	0,83	21,0	-56,1
Cacau	R\$/15 KG	78,80	8,75	6,29	-88,9	-28,1
Café arábica	R\$/kg	8,31	8,26	7,80	-0,6	-5,6
Café conilon	R\$/kg	5,93	7,07	7,07	19,4	0,0
Cana-de-Açúcar	R\$/T	69,87	71,49	101,87	2,3	42,5
Cebola	R\$/kg	2,20	2,19	1,13	-0,5	-48,5
Feijão	R\$/kg	2,80	4,27	2,67	52,6	-37,6
Fumo	R\$/kg	9,15	8,34	-	-8,9	-
Laranja	R\$/kg	0,71	0,74	0,80	3,5	9,4
Mamona	R\$/kg	1,46	1,82	2,24	24,7	23,5
Mandioca	R\$/T	327,50	301,06	583,93	-8,1	94,0
Milho	R\$/kg	0,51	0,64	0,47	26,4	-26,1
Pimenta do Reino	R\$/kg	26,89	24,56	17,81	-8,7	-27,5
Soja	R\$/kg	1,16	1,19	1,01	1,9	-15,1
Tomate	R\$/kg	3,61	2,07	1,92	-42,7	-7,5
Trigo	R\$/kg	0,68	0,72	0,60	5,5	-17,1
Uva	R\$/kg	2,62	3,47	3,35	32,5	-3,5
Maçã	R\$/kg	3,04	4,08	2,68	34,5	-34,3
Bovinos	R\$/15kg	153,12	145,95	136,27	-4,7	-6,6
Suínos	R\$/15kg	67,62	57,69	61,67	-14,7	6,9
Frango	R\$/kg	4,02	4,07	3,58	1,2	-12,0
Leite	R\$/L	1,21	1,16	1,24	-3,6	6,7
Ovos	R\$/Dz	4,28	4,36	3,46	1,9	-20,7

*Valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV - setembro/2017.

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados; Preços Recebidos pelos Produtores média anual para os anos fechados e para 2017, preços médios de janeiro a setembro.

5 Máquinas Agrícolas¹¹

A análise do segmento de máquinas agrícolas baseou-se em dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), compreendendo dados até o terceiro trimestre de 2017 e intervalos comparáveis da conjuntura recente. Utilizaram-se as informações de produção, de exportação e de vendas de máquinas agrícolas, no total de veículos e também por categoria de maquinário.¹²

De modo geral, é preciso registrar que as seis lavouras de maior VBP – soja, milho, cana, café, laranja e algodão herbáceo – concentram operações de plantio no quarto trimestre, ao passo que parte significativa das operações de colheita se dá no segundo trimestre do ano subsequente.

Produção e vendas de máquinas agrícolas

Houve incremento de 21%, sobre igual período de 2016, na produção de máquinas agrícolas até o terceiro trimestre, que ultrapassou a casa de 41 mil unidades, conforme ilustrado à tabela 9. Mas, em comparação à média de produção de 2014-2016, verificou-se um recuo de 9%. Em relação às exportações, ambas as comparações foram bastante positivas.

Os números particularmente positivos, no resultado parcial de 2017, associam-se aos resultados da safra, enquanto os valores menores de 2016 possivelmente se relacionam com o baixo crescimento geral da economia, em especial em 2015 e 2016.

TABELA 9

Produção total e exportação de máquinas agrícolas

Período	Produção	Var. (%)	Exportação	Var. (%)
Jan-Set/2017	41395		8374	
Jan-Set/2016	34344	21	5895	42
Média Jan-Set/ 2014-2016	45727	-9	7349	14

Fonte: Elaborado com base em dados da ANFAVEA.

Variações similares foram também identificadas do lado das vendas de máquinas agrícolas, de acordo com as informações da tabela 10. As vendas até o terceiro trimestre de 2017 (32.711 unidades) foram 9% maiores que as de igual período do ano passado, notando-se, ao mesmo tempo, um recuo (15%) em comparação à média de vendas 2014-2016, até o terceiro trimestre.

11 Subseção elaborada por Rogério Edivaldo Freitas, Técnico de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea. E-mail: rogerio.freitas@ipea.gov.br. Esta seção contempla informações que se estendem até o terceiro trimestre de 2017.

12 As retroscavadeiras foram excluídas do cômputo das máquinas agrícolas, pois, em regra, são utilizadas para uso rodoviário.

TABELA 10
Vendas de Máquinas Agrícolas

Período	Vendas	Var. (%)	Vendas Nacionais	Var. (%)	Vendas Importados	Var. (%)
Jan-Set/2017	32711		32610		101	
Jan-Set/2016	29984	9	29902	9	82	23
Média Jan-Set/ 2014-2016	38505	-15	38294	-15	211	-52

Fonte : Elaborado com base em dados da ANFAVEA.

Produção e vendas de máquinas agrícolas por categoria

No âmbito da produção de máquinas agrícolas, por categoria de veículo (tabela 11), verificou-se recuo, na comparação com a média 2014-2016, para os tratores e para os cultivadores motorizados. Inclusive, neste último segmento, encontram-se as proporcionalmente maiores reduções de demanda para todas as comparações pertinentes.

Ao mesmo tempo, na comparação estrita com os dados de 2016, é salutar o desempenho da produção de tratores, de colheitadeiras de grãos e de colhedoras de cana, em particular por conta da variação positiva na produção de colheitadeiras de grãos (32%) e de tratores de esteiras (43%).

TABELA 11
Produção por categoria de máquinas agrícolas

Período	Tratores de rodas	Var. (%)	Tratores de esteiras	Var. (%)	Cultivadores motorizados	Var. (%)	Colheitadeiras de grãos	Var. (%)	Colhedoras de cana	Var. (%)
Jan-Set/2017	34925		1333		460		3835		842	
Jan-Set/2016	29156	20	935	43	606	-24	2903	32	744	13
Média Jan-Set/2014-2016	38902	-10	1422	-6	889	-48	3796	1	718	17

Fonte : Elaborado com base em dados da ANFAVEA.

Por sua vez, no contexto das vendas de máquinas agrícolas por categoria de veículo, notou-se queda em todos os segmentos, no confronto com os dados da média 2014-2016, conforme descrito na tabela 12. De outra parte, no cotejo com os dados restritos a 2017 e 2016, verificou-se incremento de vendas nas categorias de tratores de rodas (11%) e colheitadeiras de grãos (3%), estes últimos equipamentos, de maior valor unitário e, em regra, adquiridos em menor número de unidades que os tratores em geral.

Na medida em que a safra anterior caminhou sem graves problemas climáticos, pode haver um incentivo ao investimento em novos maquinários no restante deste ano. Todavia, a retomada ainda gradual do crescimento econômico e as incertezas do cenário político não estimulam investimentos de larga monta, como é o caso de colheitadeiras, colhedoras e tratores de maior potência.

TABELA 12

Vendas por categoria de máquinas agrícolas

Período	Tratores de rodas	Var. (%)	Tratores de esteiras	Var. (%)	Cultivadores motorizados	Var.	Colheitadeiras de grãos	Var. (%)	Colhedoras de cana	Var. (%)
Jan-Set/2017	28745		208		422		2799		537	
Jan-Set/2016	25796	11	221	-6	596	-29	2714	3	657	-18
Média Jan-Set/ 2014-2016	33213	-13	408	-49	862	-51%	3373	-17	649	-17

Fonte : Elaborado com base em dados da ANFAVEA.

6 Comércio Externo dos Produtos Agropecuários¹³

As tabelas 13 e 14 apresentam os dados de exportação dos produtos agropecuários dos sete principais produtos e do total no acumulado do ano até setembro de 2015, 2016 e 2017, em valor e em quantidade, com base na classificação dos principais produtos de exportação. No que se refere a valores, as exportações desses produtos cresceram 13,5% em 2017, na comparação com o mesmo período do ano anterior, e 9,9% em comparação com 2015. Entretanto, quando se examinam os principais produtos, observa-se que o crescimento relativo a 2016 foi concentrado basicamente em soja, com aumento de 24,5%, e pimenta, com variação de 15,5%, enquanto todos os outros tiveram variação negativa ou quase nula – caso do café. Na comparação com 2015, o crescimento também foi concentrado em soja (aumento de 20,3%) e milho (aumento de 20,7%). Deve-se notar que o valor das exportações de soja é muito superior ao dos demais produtos, correspondendo a 71% das exportações totais. Esse quadro contrasta, portanto, com o cenário de forte aumento da produção agropecuária este ano, pois o aumento das exportações não foi tão expressivo e ficou concentrado em poucos produtos.

As exportações de soja costumam ser bastante concentradas entre março e agosto, portanto, não se deve esperar nenhuma modificação substancial das taxas de crescimento para este ano. As de café são mais disseminadas ao longo do ano, mas não devem apresentar maior surpresa até o final do ano. Por seu turno, as exportações de milho são concentradas no segundo semestre e, portanto, ainda podem apresentar resultado positivo, principalmente em razão da expectativa de crescimento da produção para o corrente ano. As de fumo concentram-se entre maio e outubro, podendo ainda apresentar alguma variação positiva, mesmo que bastante reduzida.

Esse quadro é corroborado pela análise em quantidades. Aqui, o aumento das exportações totais foi de 12,4% na comparação com 2016 e de 22% com relação a 2015. Da mesma forma, quando se examinam os principais produtos, o aumento em relação ao ano passado ficou concentrado em soja (23,3%) e pimenta (89,6%). Relativamente a 2015, os aumentos ocorreram em soja, milho e pimenta.

No que se refere às importações, como se observa nas tabelas 15 e 16, há uma maior dispersão dos valores dos principais produtos, ao contrário das exportações. Houve uma redução de 4% dos valores acumulados até setembro, na comparação

¹³ Subseção elaborada por Marcelo José Braga Nonnenberg.

com igual período de 2016, porém um aumento de 18% relativamente ao mesmo período de 2015. Enquanto alguns produtos tiveram um aumento expressivo com relação a 2016, outros apresentaram forte queda. Assim, salmões (24,7%), borracha (36,7%), arroz (37,1%) e cevada (10,9%) apresentaram elevação. Por outro lado, trigo (-5,6%), alhos (-12,7%) e milho (-29,7%) tiveram queda na mesma base de comparação.

TABELA 13
Valores e variação das exportações – principais produtos de exportação (PPE)
(Em US\$ milhões e % – acumulado no ano até setembro)

PPE	2015	2016	2017	2017/2015 (%)	2017/2016 (%)
Soja mesmo triturada	19.161	18.514	23.050	20,3	24,5
Café cru em grão	4.143	3.262	3.298	-20,4	1,1
Milho em grãos	2.182	3.136	2.634	20,7	-16,0
Fumo em folhas e desperdícios	1.596	1.392	1.233	-22,7	-11,4
Algodão em bruto	648	783	612	-5,6	-21,9
Pimenta em grão	198	166	191	-3,4	15,5
Arroz em grãos, inclusive arroz quebrado	237	206	176	-25,9	-14,7
Demais produtos	1.370	1.156	1.270	-7,3	9,8
Total Geral	29.535	28.615	32.465	9,9	13,5

Fonte dos dados primários: SECEX/MDIC.
Elaboração: Grupo de Conjuntura Dimac/Ipea.

TABELA 14
Quantidades e variação das exportações – principais produtos de exportação (PPE)
(Em mil toneladas e % – acumulado no ano até setembro)

PPE	2015	2016	2017	2017/2015 (%)	2017/2016 (%)
Soja mesmo triturada	49.556	49.614	61.170	23,4	23,3
Café cru em grão	1.441	1.291	1.173	-18,6	-9,1
Milho em grãos	12.330	18.773	16.703	35,5	-11,0
Fumo em folhas e desperdícios	365	332	286	-21,8	-14,0
Algodão em bruto	417	528	371	-11,1	-29,7
Pimenta em grão	21	20	37	76,0	89,6
Arroz em grãos, inclusive arroz quebrado	616	594	444	-27,9	-25,3
Demais produtos	2.255	1.576	1.540	-31,7	-2,3
Total Geral	67.002	72.728	81.723	22,0	12,4

Fonte dos dados primários: SECEX/MDIC.
Elaboração: Grupo de Conjuntura Dimac/Ipea.

Os dados em quantidade, por sua vez, apresentam variações bastante distintas, indicando fortes flutuações de preços de alguns desses produtos. Por exemplo, salmões e borracha, que tiveram grande aumento em valores, tiveram ou um pequeno aumento (7,7%, quanto aos salmões) ou mesmo uma queda (-1,5%, quanto à borracha), resultado de fortes aumentos de preços. Mas, no conjunto, as quedas de quantidades, relativamente a 2016, foram superiores à redução em valores, o que indica aumento dos preços médios. Já na comparação com 2015, o aumento em quantidade (34,7%) foi bem superior ao aumento dos valores (18%), resultado de redução dos preços médios.

TABELA 15

Valores e variação das importações – principais produtos de importação (PPI)
(Em US\$ milhões e % – acumulado no ano até setembro)

PPI	2015	2016	2017	2017/2015 (%)	2017/2016 (%)
Trigo em grãos	912	946	892	-2,2	-5,6
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	288	306	382	32,6	24,7
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	273	224	306	12,0	36,7
Arroz em grãos, inclusive arroz quebrado	122	200	274	124,0	37,1%
Alhos comuns, frescos ou refrigerados	139	263	230	65,6	-12,7
Milho em grãos	29	235	165	467,9	-29,7
Cevada em grãos	106	117	129	21,9	10,9
Demais produtos	645	799	587	-8,9	-26,5
Total Geral	2.514	3.090	2.966	18,0	-4,0

Fonte dos dados primários: SECEX/MDIC.
Elaboração: Grupo de Conjuntura Dimac/Ipea.

TABELA 16

Quantidades e variação das importações – principais produtos de importação (PPI)
(Em mil toneladas e % – acumulado no ano até setembro)

PPI	2015	2016	2017	2017/2015 (%)	2017/2016 (%)
Trigo em grãos	3.738	4.827	4.710	26,0	-2,4
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	56	48	52	-8,6	7,7
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	172	167	164	-4,6	-1,5
Arroz em grãos, inclusive arroz quebrado	275	543	708	157,8	30,5
Alhos comuns, frescos ou refrigerados	134	144	114	-14,7	-20,5
Milho em grãos	225	1.420	957	325,8	-32,6
Cevada em grãos	348	445	529	51,8	18,8
Demais produtos	929	1.104	684	-26,4	-38,1
Total Geral	5.877	8.697	7.917	34,7	-9,0

Fonte dos dados primários: SECEX/MDIC.
Elaboração: Grupo de Conjuntura Dimac/Ipea.

7 Seguro Rural¹⁴

A Lei Orçamentária vigente autorizou, para o exercício 2017, o montante de R\$ 400 milhões para custeio das despesas com o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). Para o primeiro semestre, foram aprovados R\$ 90 milhões, sendo R\$ 80 milhões destinados ao milho 2a safra e grãos de inverno e R\$ 10 milhões distribuídos entre as demais atividades, exceto frutas e grãos de verão. Esta distribuição respeitou, além do histórico de utilização da subvenção no exercício anterior, a percepção da demanda do mercado. Entre as operações realizadas no semestre, cabe destacar a elevada demanda da cultura do milho 2a safra por subvenção, que recebeu aproximadamente 85% do montante disponibilizado para as culturas de inverno.

Para o terceiro trimestre, o Comitê Gestor do Seguro Rural (CGSR) aprovou um valor adicional de R\$ 90 milhões, com a finalidade de atender prioritariamente às apólices de grãos de verão e frutas.

No intuito de fomentar o desenvolvimento e a utilização de produtos de seguro alternativos e de criar novas formas de financiamento para a expansão do progra-

¹⁴ Editor: Vitor Augusto Ozaki (Deger/SPA/Mapa). Colaboradores: Daniel Lima Miquelluti (Geser/Esalq/USP), Luis Augusto Crisóstomo de Sousa (Deger/SPA/Mapa), Simone Yuri Ramos (Deger/SPA/Mapa).

ma, foram incluídos dois destaques orçamentários na distribuição dos recursos do PSR. O primeiro, no valor de R\$ 6 milhões, foi destinado a atender apólices que tivessem como objeto do seguro o faturamento da produção. O CGSR entendeu que seria conveniente e oportuno incentivar a comercialização do seguro de faturamento, uma vez que este tipo de produto oferece proteção mais efetiva ao produtor.

O segundo destaque, no valor de R\$ 2 milhões, foi destinado ao Projeto Experimental de Suplementação Privada. Basicamente, o projeto consiste na promoção de contratação do seguro pelo produtor rural, tendo como contrapartida a participação de um agente privado com interesse comum quanto ao objeto a ser segurado.

Os recursos alocados ao PSR permitiram, no terceiro trimestre do ano, a contratação de 5.977 apólices de seguro rural, que beneficiaram cerca de 4,7 mil produtores e garantiram a cobertura de 412 mil hectares. Essas apólices representaram R\$ 978,74 milhões em capitais segurados, gerando prêmios da ordem de R\$ 69,46 milhões. As subvenções somaram R\$ 30,02 milhões, ou seja, o governo federal se responsabilizou pelo pagamento de 43,2% do prêmio arrecadado pelas seguradoras (tabela 17).

TABELA 17
Desempenho do PSR no exercício de 2017

Mês	Apólices Contratadas (unid.)	Área Segurada (mil ha)	Capital Segurado (R\$ milhão)	Prêmio Arrecadado (R\$ milhão)	Subvenção Federal (R\$ milhão)
Janeiro	3.493	365,6	646,65	58,85	26,3
Fevereiro	3.635	302,76	651,24	53,43	22,82
Março	6.357	463,79	660,58	80,28	35,01
Abril	3.696	141,75	451,94	41,11	17,59
Maiο	4.712	188,94	616,74	55,47	23,56
Junho	3.773	225,13	671,73	54,84	23,35
Julho	2.880	202,26	454,56	33,33	14,15
Agosto	1.880	139,65	326,85	20,77	9,09
Setembro	1.217	70,12	197,32	15,36	6,78
3º trimestre	5.977	412,03	978,74	69,46	30,02
Acumulado no ano	31.643	2.100,00	4.677,62	413,43	178,65

Fonte: DEGER/MAPA Posição em 24/10/2017.

Nestes três meses, a comercialização das apólices de seguro amparadas pelo PSR concentrou-se em poucas atividades e regiões, conforme ilustrado na gráfico 17. Entre as 28 atividades que acessaram o programa, apenas quatro – soja (68,0%), trigo (9,3%), uva (6,9%) e maçã (6,2%) – demandaram 90,4% do valor subvencionado no período. A região Sul foi a que demandou maior volume de recursos: 62,1% do total. A região respondeu por 67,0% da área segurada pelo programa, associada a uma importância financeira da ordem de R\$ 627 milhões. Isoladamente, o Paraná foi a UF que mais solicitou subvenções: R\$ 9,71 milhões, ou 32% do

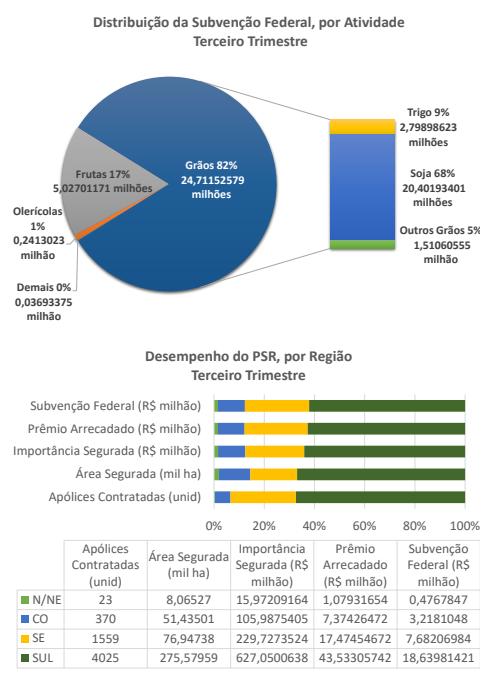
total. Foram contratadas 2.638 apólices no estado, que garantiram a cobertura de 170 mil hectares, R\$ 365,26 milhões em valor segurado, e geraram R\$ 22,07 milhões em prêmios para as seguradoras.

De janeiro a setembro, o PSR subvencionou 31.643 apólices, que beneficiaram mais de 26 mil produtores e seguraram cerca de 2 milhões de hectares. Essas apólices representaram R\$ 4,68 bilhões em capitais segurados e R\$ 413,43 milhões em prêmios. As subvenções federais somaram R\$ 178,65 milhões, com o governo se responsabilizando pelo pagamento de 43,2% dos prêmios.

As operações realizadas durante o ano também se caracterizaram pela concentração, tanto em termos de atividades subvencionadas quanto de regiões amparadas (gráfico 18). A região Sul se destacou como principal destino das subvenções, demandando 61% dos recursos, seguida das regiões Sudeste (22,3%), Centro-Oeste (14,8%), e Norte/Nordeste (1,8%). Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo demandaram R\$ 136,75 milhões em subvenções, 76,5% dos recursos operacionalizados pelo PSR até o mês de setembro. As apólices subvencionadas nesses três estados, correspondentes a 85,3% do total amparado pelo programa, garantiram a cobertura de 1,43 milhão de hectares, 68,1% do total. Em valor, essas apólices seguraram R\$ 3,29 bilhões e geraram prêmios de R\$ 316,79 milhões.

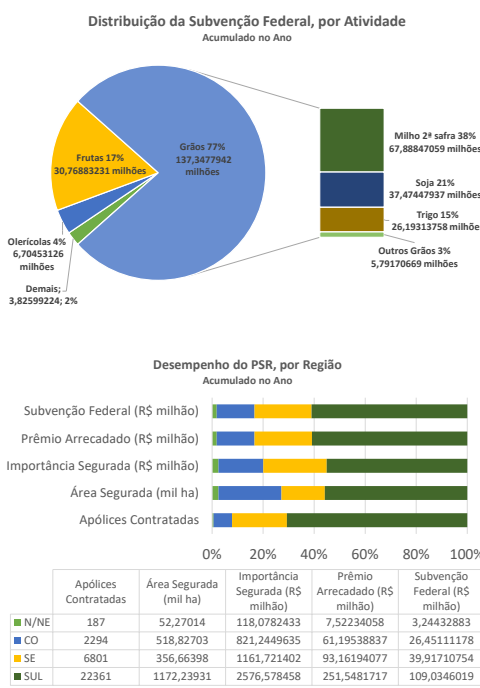
Os grupos de culturas que mais demandaram subvenção foram grãos e frutas, que corresponderam a, respectivamente, 76,9% e 17,2% das subvenções solicitadas até setembro. Entre os grãos, destaque para soja, trigo e milho 2ª safra e, entre as frutas, para maçã e uva. Em conjunto, estas cinco atividades geraram prêmios de seguro da ordem de R\$ 365,91

GRÁFICO 17
Desempenho do PSR no terceiro trimestre, por região geográfica e atividade



Fonte: Deger/Mapa.
Obs.: Posição em 24/10/2017.

GRÁFICO 18
Desempenho do PSR no ano, por região geográfica e atividade



Fonte: Deger/Mapa.
Obs.: Posição em 24/10/2017.

milhões e subvenções federais de R\$ 158,17 milhões. As apólices de seguro rural negociadas nessas atividades cobriram 1,92 milhão de hectares, 92,0% da área total segurada, associados a uma importância de R\$ 3,75 bilhões (80% do total).

De acordo com dados da Superintendência de Seguros Privados (Susep), as apólices enquadradas no PSR representaram 12% do total de prêmio arrecadado no mercado de seguro rural brasileiro durante nos meses de julho a setembro. No ano, as operações amparadas pelo programa corresponderam a cerca de 30% desse mercado.

É importante ressaltar que o atual quadro de restrição orçamentária, com consequente atraso na liberação de recursos, comprometeu o desempenho do programa nos nove primeiros meses do ano. Contudo, com a ampliação do limite de movimentação e empenho do Mapa,¹⁵ será disponibilizado para o PSR um valor adicional de mais R\$ 187,4 milhões, que deve ser alocado para subvencionar apólices de seguro de grãos de verão, frutas e demais culturas. Dessa forma, a expectativa é de que os valores executados em 2017 correspondam aos efetivamente aplicados no exercício anterior, e que o programa ampare, até o final deste ano, cerca de 5 milhões de hectares e algo em torno de 70 mil apólices de seguro com subvenção.

8 Crédito Rural¹⁶

Esta análise reflete o desempenho da aplicação do crédito rural, no período de julho a outubro, do ano agrícola 2017/2018, além das revisões normativas da política de crédito rural, no mesmo período. O desempenho refere-se à agricultura empresarial (médios e grandes produtores), ou seja, excluem-se as informações relativas ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

Desempenho do crédito rural

Os recursos programados, para o ano agrícola 2017/2018, foram de R\$ 188,40 bilhões, sendo R\$ 150,25 bilhões para custeio, comercialização e industrialização, e R\$ 38,15 bilhões para investimento.

Os financiamentos, no âmbito do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), efetuados no período (julho 2017/outubro 2017), somaram R\$ 53,33 bilhões, em 252.019 operações, comparativamente a R\$ 41,37 bilhões, em 218.480 operações, no mesmo período do ano agrícola 2016/2017.

Os desembolsos relativos à programação dos recursos foram os seguintes: 29% dos recursos programados para o agregado de custeio, comercialização e industrialização foram aplicados; enquanto que, na finalidade investimento, 26% dos recursos programados foram aplicados e, quando considerado o total dos recursos,

¹⁵ Assegurada pela publicação da Portaria no 314, de 02/10/2017, do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MP).

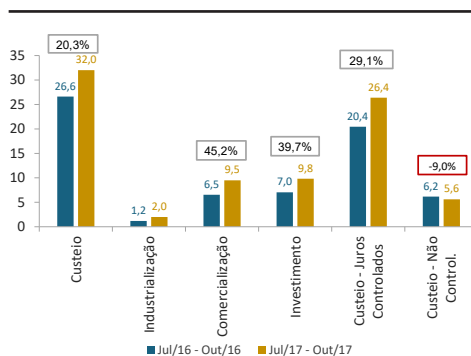
¹⁶ Autores: Antônio Luiz Machado de Moraes e João Claudio da Silva Souza (Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – SPA/Mapa).

houve 28% de aplicação. Em 2016/2017, os percentuais de desembolsos, relativamente à programação dos recursos, foram ligeiramente menores, com 25%, 22% e 24%, respectivamente.

Para cada finalidade de crédito, na comparação entre os períodos analisados, houve acréscimos – de 20,3% no custeio, 45,2% na comercialização e de 39,7% nos investimentos –, conforme apresentado no gráfico 19.

A fonte de recursos dos depósitos à vista, denominada de Recursos Obrigatórios (ROs), passaram por significativas mudanças de direcionamento, sendo que as subexigibilidades do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e do Pronaf foram elevadas para 15% e 20%, respectivamente, da exigibilidade de 34% dos ROs. Com o aumento da subexigibilidade do Pronaf, naturalmente haverá redução de aplicação dos ROs nos demais segmentos (médios e grandes produtores), como se constata pela tabela 18, com decréscimo de 12,1% nos valores e de 15,8% no número de contratos.

GRÁFICO 19
Valores contratados
(Em R\$ bilhões)



Fonte: Sicor/Banco Central.
Elaboração: SPA/Mapa.

TABELA 18
Recursos Obrigatórios (ROs)

Julho a Outubro		Valor Em R\$		
Recursos Obrigatórios		2016	2017	Variação (%)
Custeio	Nº Contratos Custeio	97.848	84.439	-13,7
	Valor Custeio	9.648.394.799,69	9.870.093.167,18	2,3
Investimento	Nº Contratos Investimento	1.721	0	-
	Valor Investimento	252.456.484,15	0	-
Comercialização	Nº Contratos Comercialização	1.269	445	-65
	Valor Comercialização	2.798.646.939,00	478.526.175,95	-83
Industrialização	Nº Contratos Industrialização	60	77	28,3
	Valor Industrialização	821.774.314,00	1.540.878.751,00	87,5
Total	Nº Contratos Total	100.898	84.961	-15,8
	Valor Total	13.521.272.537,00	11.889.498.094,00	-12,1

Fonte: SICOR/Banco Central.
Elaboração: SPA/Mapa.

Quanto aos agentes financeiros, a participação de cada segmento, nos financiamentos de custeio, foi a seguinte: os bancos públicos foram responsáveis por 51% do valor aplicado, enquanto os bancos privados, por 28%, e as cooperativas de crédito, 21%, com os respectivos montantes de R\$ 16,3 bilhões, R\$ 8,9 bilhões e R\$ 6,9 bilhões. Comparativamente ao período 2016/2017, os bancos públicos

aplicaram 37% menos de crédito de custeio com recursos a taxas de juros livres e aumentaram 42% na aplicação a taxas controladas, enquanto as cooperativas de crédito aumentaram suas aplicações tanto nas taxas de juros livres como nas controladas, conforme a tabela 19.

TABELA 19

Custeio

(R\$ milhões)

Instituição	Jul/16 - Out/16			Jul/17 - Out/17			Variação no Total Controlados (%)	Variação no Total Não Control. (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Não Control.	Total Geral	Total Controlado	Total Não Control.	Total Geral			
Bancos públicos	10.950	1.200	12.151	15.507	760	16.267	42	-37	34
Bancos privados	4.881	4.263	9.144	5.068	3.825	8.893	4	-10	-3
Cooperativas de crédito	4.610	708	5.318	5.820	1.032	6.852	26	46	29
Total	20.442	6.172	26.613	26.395	5.617	32.012	29	-9	20

Fonte: SICOR/Banco Central.
Elaboração: SPA/MAPA.

Em termos de atividades, tanto a agrícola como a pecuária apresentaram aumento nas aplicações de crédito de custeio. A agrícola, de 22%, e a pecuária, de 17%. Esse aumento representa R\$ 4,23 bilhões na aplicação no custeio agrícola, e de R\$ 1,17 bilhão no pecuário.

Em termos de culturas, a soja, com 46,3% dos recursos contratados para custeio e, o milho, com 11,5%, são as principais culturas demandantes dessa finalidade de crédito, seguidos pelo café, com 8,1%, e a cana-de-açúcar, com 6,5%. Na pecuária, a bovinocultura contratou 76,5% dos recursos de custeio, seguida pela avicultura, com 10,1%, e a suinocultura, com 7,8%.

Em relação ao *fundings* proporcionado pela emissão das Letras de Crédito do Agropênegócio (LCAs), houve um expressivo aumento, de 81,3%, nos financiamentos com esta fonte de recursos, em relação ao ano agrícola anterior, contabilizando R\$ 10,65 bilhões aplicados entre julho e outubro de 2017, sendo 48,2% em crédito de comercialização, 38% de custeio, 10,2% de investimento e 3,6% de industrialização.

Entre as fontes de recursos que abastecem o crédito rural, conforme apresentado na tabela 20, a poupança rural controlada, ou seja, aquela que embute gastos do Tesouro Nacional com a equalização de taxas de juros, apresentou um acréscimo de 78,1%, contabilizando financiamentos na ordem de R\$ 18 bilhões. Os Fundos Constitucionais de Financiamento Regional – a saber, FNO (Região Norte), FNE (Região Nordeste) e FCO (Região Centro-Oeste) – cresceram 107,7%, desembolsando R\$ 3,9 bilhões.

Em relação aos investimentos agropecuários, os programas específicos, com recursos do BNDES ou da caderneta de poupança rural do Banco do Brasil, tiveram desempenho superior no atual período do ano agrícola. Destacaram-se o Programa ABC, que financia sistemas produtivos sustentáveis e que mitiga a emissão de

gases causadores do efeito estufa; o PCA, que financia a construção de armazéns; o Programa Inovagro, que financia projetos de inovação tecnológica nas propriedades rurais, como a agricultura e a pecuária de precisão, modernização de aviários etc.; e o Prodecoop, voltado para investimentos de cooperativas de produção agropecuária.

No agregado, os investimentos totalizaram R\$ 9,83 bilhões, o que representou uma aplicação 39,7% superior à do período passado, conforme a tabela 21.

TABELA 20

Fontes de recursos

(julho a outubro, em R\$ milhões)

Fontes	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação (%)
Controladas			
Poupança Rural Controlada	10.211	18.186	78,1
Recursos Obrigatórios	13.521	11.906	-11,9
BNDES/FINAME Equalizável	4.323	3.907	-9,6
Fundos Constitucionais	1.893	3.931	107,7
Funcafé	1.541	1.369	-11,2
Recursos Livres Equalizáveis	912	230	-74,8
Outros	14	16	19,7
Controladas			
LCA Taxa Favorecida	3.059	8.313	171,8
LCA Taxa Livre	2.816	2.337	-17
Recursos Livres	1.720	1.930	12,3
Captação Externa	983	734	-25,3
Poupança Rural Livre	368	461	25,4
BNDES Livre	9	5	-52,1
Total	41.370	53.326	28,9

Fonte: SICOR/Banco Central.
Elaboração: SPA/MAPA.

TABELA 21

Programas ou linhas de investimento*

(Em R\$ milhões)

Programa	Julho-outubro 2016 (a)	Julho-outubro 2017 (b)	Variação % (b)/(a)
Moderfrota	2.731	2.724	-0,3
Moderagro	107	123	14,7
Moderinfra	73	141	94,7
Programa ABC	77	345	348,6
PCA	82	217	165,5
Inovagro	59	222	277,2
Pronamp	525	1.430	172,5
Prodecoop	6	140	2.132,10
Procap-Agro	838	188	-77,6
Outros	2.537	4.301	69,5
Total	7.035	9.831	39,7

*A descrição dos Programas de investimento pode ser obtida no capítulo 13 do Manual de Crédito Rural do Banco Central do Brasil: <https://www3.bcb.gov.br/mcr>
Fonte: Sicor/Banco Central.
Elaboração: SPA/MAPA.

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Jose Eustaquio Ribeiro Vieira Filho (Dirur/Ipea)
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Sumário

Jose Eustaquio Ribeiro Vieira Filho (Dirur/Ipea)

Mercados e Preços Agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros – Cepea/Esalq-USP
André Sanches (Graões) – Cepea/Esalq-USP
Fernanda Geraldini (Hortifrutícolas) – Cepea/Esalq-USP
Natália Slaro Grigol (Leite) – Cepea/Esalq-USP
Caio Augusto de S. M. Monteiro (Boi)
Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Suínos, aves e ovos) – Cepea/Esalq/USP.
Marcos Debatin Iguma (Suínos, aves e ovos) – Cepea/Esalq/USP.

Produção e Emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros – Cepea/Esalq-USP
Nicole Rennó Castro – Cepea/Esalq-USP
Leandro Gilio - Cepea/Esalq-USP
Arlei Luiz Fachinello - Cepea/Esalq-USP
Adriana Ferreira Silva - Cepea/Esalq-USP

PIB Agropecuário: Indicador Mensal e Previsões

Leonardo Melo de Carvalho (Dimac/Ipea)
Marco Antônio F. H. Cavalcanti (Dimac/Ipea)

Valor da Produção Agropecuária (VBP)

José Garcia Gasques (Secretaria de Política Agrícola – SPA/Mapa)
Eliana Tele Bastos (Secretaria de Política Agrícola – SPA/Mapa).

Máquinas Agrícolas

Rogério Edivaldo Freitas. (Dirur/Ipea)

Comércio Externo de Produtos Agropecuários

Marcelo José Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)

Seguro Rural

Simone Yuri Ramos (SPA/Mapa)
Vitor Augusto Ozaki (SPA/Mapa)
Daniel Lima Miquelluti (Geser/Esalq/USP)
Luis Augusto Crisóstomo de Sousa (Deger/SPA/Mapa)

Crédito Rural

Antonio Luiz Machado De Moraes (SPA/Mapa)
João Cláudio da Silva Souza (SPA/Mapa)

Assistente de Pesquisa

Jomary Maurícia Leite Serra



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Aurélio Alves de Mendonça
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Leonardo Simão Lago Alvite
Luciana Pacheco Trindade Lacerda

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.